

SENSÍVEL À UMIDADE

fc

电 触 角 摸 模 材 料

大朗镇富
2895828



DESTINATÁRIO

NOME _____

ENDEREÇO _____

--	--	--	--

CEP

--	--	--

CIDADE

TEL _____

ESTADO

SOFIA JUNQUEIRA DE OLIVEIRA

Sensível à umidade

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC),
apresentado ao Colegiado de Graduação em
Artes Visuais da Escola de Belas Artes da
Universidade Federal de Minas Gerais,
como requisito parcial para a obtenção do título de
Bacharel em Artes Visuais.

Habilitação Desenho
Orientadora Professora Brígida Campbell

Belo Horizonte
2019



- 1 **guardar** (inspirar, colecionar, recolher, ajuntar, amontoar, empilhar, acumular)
- 2 **gotejar** (umidificar, infiltrar, transbordar, derrubar, desabar, lacrimejar, expirar)
- 3 **fragilizar** (desmoronar, cair aos pedaços, quebrar , fragmentar, em mil partes)
- 4 **embalar** (reunir os cacos, encaixotar, proteger do impacto, partir, sem olhar pra trás)



AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiro à água,
pela chuva que faz brotar, pela umidade que nos permite um respiro.
Por ensinar que na vida tudo é ciclo.

Agradeço à minha mãe e meu pai pelo apoio constante e por acreditarem na arte como profissão.

Agradeço à minha avó pelo carinho e pela fé, que torna os sonhos reais.

Agradeço às minhas irmãs pela parceria e por levarem a sério minhas maluquices.

Agradeço ao Murilo pelo carinho que transforma momentos de trabalho em prazer, por me ajudar a manter a calma e seguir em frente.

Agradeço aos amigos da vida inteira, por fazerem parte dos melhores dias. Aos amigos da Belas por colorirem a rotina, com muitas mãos dispostas a criar e ajudar.

Agradeço à Luciene pela paciência preciosa na reprografia em dias de aperto.

Agradeço aos professores Rodrigo, Liliza, João, Joice e Juliana, pela generosidade da escuta e por compartilharem tanto conhecimento.

Agradeço à minha orientadora Brígida, pela empolgação e brilho no olhar, que tornaram esse trabalho possível.

GOTEJAR

Alguns sonhos são fatos, acontecidos vividos.
Ficam de maneira tão forte na memória que chegam a inundar
o dia seguinte
respingando na rotina certo surrealismo
Te confundindo com uma camada transparente de irrealdade
foi uma cena curta, constante começo recomeço.
O quadro fechado, parecia desenho.
Vi um tom marrom claro, bege escuro

Terra

Papel

Vi uma verticalidade artificial projetada

Parede

Muro

Convite à aproximação.

Uma superfície repleta de relevos. Convite para os olhos,
convite para as mãos.

A curiosidade conduz os passos, gula de tocar.

Andei até perceber que a parede gotejava

Gotas de cerâmica

Fixei o olhar em uma delas

Estiquei os braços, fiquei na ponta dos pés

Alonguei os pulsos, apontei o dedo

antes que pudesse tocá-la

a gota se deslocou da parede
caiu com estrondo
se espatifou em mil pedaços

se derreteu no chão
Os cacos d'água se espalharam
Uma a uma as gotas se descolavam e caiam

Piso alagado
parede lisa

Chuva ou desabamento?



INSPIRAR

Certa manhã acordou de sonhos intranquilos.¹

Assim começa a Metamorfose de Kafka e assim também se iniciam certos processos do imaginário: nascem de sonhos conturbados e escapam para a luz do dia. Essa frase apareceu logo no início de uma oficina sobre biografemas (pequenos escritos sobre a vida | escrevências sobre o poema que se expande para o espaço). Nesta experiência procuramos, na efemeridade do conteúdo produzido pelo inconsciente, elementos desimportantes para a construção de uma escrita que fosse não só a respeito da vida, mas uma parte constituinte dela.

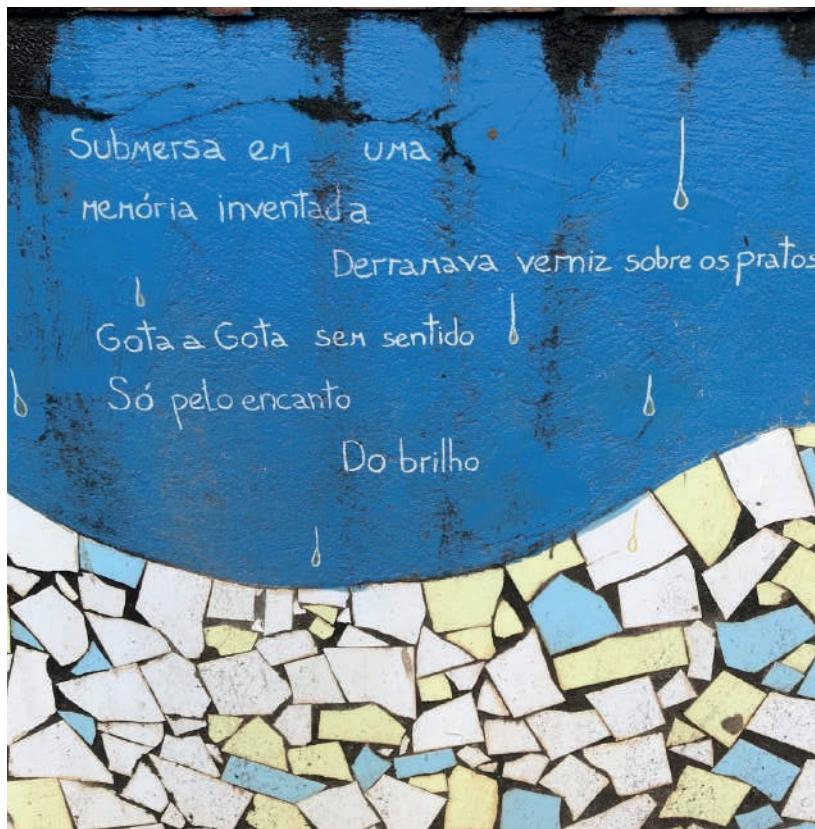
Olhar para o sonho como fonte de matéria para criação foi uma proposta simples e transformadora. A escrita passou a ser um registro do imaterial, de vivências que desaparecem em segundos de distração, levando consigo certos cheiros, certos mundos sobrepostos que dificilmente retornam à tona. As horas desbotam as fotografias, amarelam os papéis e deixam os devaneios rarefeitos.

Dormi concentrada em sonhar, com a caderneta e a caneta a postos. Durante a noite visitei um apartamento antigo. A moradora me acompanhava, tão antiga quanto o próprio apartamento. Estava sendo convidada a entrar na sua memória. O sótão foi passagem para um cômodo imaginário. O sobradinho tinha sido todo feito à mão, em cada canto o olhar esbarrava no acúmulo dos anos. Me senti no quarto-ateliê-nave de Arthur Bispo do Rosário², descrevendo o mundo em miniaturas bordadas, em cacarecos reinventados. Não sei como essa mulher apareceu no meu inconsciente, abrindo portas de um universo secreto. Sei que de um canto desse sobradinho ela pegou largos pratos de louça, cada um de um tipo, de uma espessura, com desenhos sobre o fundo branco. Ela derramava verniz sobre os pratos, que ganhavam imediatamente um brilho antigo.

¹ “Quando certa manhã Gregor Samsa acordou de sonhos intranquilos (...)” (KAFKA, 1994, p.6)

² “Ele era o senhor da minúcia. Recriava objetos do universo e os titulava: raspadeira, carvão, pedra, rodo. Esmerava-se em relacionar toda sorte de coisas terrenas segundo a lógica da realidade, com uma tendência ao lúdico”. (HIDALGO, 2011, p.91)

Acordei com argila na mão. Me vi com esse sonho para ser modelado, trabalhado até encontrar a sua forma essencial. Nesse processo cada uma das palavras é observada, desbastando todos os pontos espessos demais. As frases também são peneiradas, as ideias polidas até restar apenas uma superfície reluzente e semipermeável de registro. Um instante vivido de olhos fechados.



O que não sabia ainda ser propriedade do Biografema é sua vocação de oráculo. Talvez se trate do caráter atemporal da poesia, da sua capacidade de revelar coisas que não estão inteiramente ditas. A questão é que dois anos depois da grafia desse sonho, as palavras Verniz, Gota e Brilho tomaram conta da minha produção artística: tenho derramado verniz sobre pratos. Tenho feito gotas de cerâmica.

Não posso dizer que é sem sentido ou apenas pelo brilho, mas a imagem dos pratos brancos envelhecendo nas mãos da senhora em seu quarto-ateliê certamente criou raízes na memória, a salvo do esquecimento pela escrevivência, ou pelo biografema.

As palavras possibilitam a captura do efêmero, pormenores que podem ser revisitados, como as flores postas a secar entre palavras amareladas, conservando a vibração de suas cores. Ou a lembrança da primavera. Sonho que deixa de ser só devaneio e invade a realidade. Olho para o biografema passado com conteúdo de sonho e vejo que com o tempo ele se fixou e se multiplicou, saiu de uma forma fluída e escorregadia e se tornou matéria resistente e brilhante de cerâmica. Sigo atenta às manhãs sonolentas, escrevendo sobre a matéria frágil do porvir.



AJUNTAR

Não é por acaso a capa de papelão.

o guarda-chuva colado sobre ela
o azul céu que não sai da visão periférica

A superfície é o início do que toma corpo nas páginas e vai se transformando no tempo inconstante dos ciclos.

Ora em um movimento de aproximação molecular,
ora uma viagem interestelar.

Esse processo é como colagem, parte de um amontoado de papéis, formas externas do mundo que vão sendo selecionadas, ressignificadas, absorvidas, agrupadas, cortadas, encaixadas ou descartadas. Até que as materialidades conversem e a multiplicidade de naturezas constitua um ambiente aglutinado de trabalho.

Redes, emaranhados de imagens, pensamentos e ideias.

Constantemente contaminada por artistas que apresentam caminhos, possíveis soluções ou alguns desvios.
Colocam perguntas.

Passando a constituir essa coleção

Com jeito de teia de tule, tentando coletar a umidade do ar.³

³ Proposição Mayra Martins Redin para a criação de um Observatório do Sereno. “Tecido repleto de pequenos mundos. Gotículas em abundância. Geometricamente distribuídos sobre o pano, como num bloco de edifícios. Cada indivíduo observa da sua janela, cada janela acesa é uma vida que se movimenta” (REDIN,2013,p. 120).



Mantinha seco. 2018. 50x50 cm. Recorte de papelão, papel pautado e fita crepe sob papel cartão.

COLEÇÃO

COLECIONAR

Catadores de Chuvas

Viajar, morar, andar, passear e parar são algumas formas de conceber a passagem ou a permanência em um espaço, com diferentes velocidades. O deslocamento é tão importante quanto a estadia, em sua abertura para o imprevisível, para o que está por vir.

Desde cedo, viajar me ensinou a empacotar, a selecionar e a pensar o que seria essencial levar comigo. Aos 10 anos, pela primeira vez tive que expandir o gesto de fazer a mala para a casa como um todo, o que até então era um lugar de constante retorno teve que ser deixado definitivamente.

Quando deixamos a Rua Ourissanga, lugar em que eu nasci, nos fundos da casa da minha avó, no terreno do meu bisavô, onde meu avô também nasceu, senti que o elo que conectava a casa com o território foi rompido. Na casa nova, um apartamento pequeno, sem quintal, sem goiabeira, sem canteiro, sem passarinhos, sem cachorro, sem o barulho do trem, sem a proximidade da avó e sem todas as memórias que marcavam cada canto da minha infância, tive que exercitar o que é “tornar-se casa”.

Na mudança seguinte já pude participar mais ativamente do infundável encaixotar e presenciei, em um intervalo de poucos dias, uma casa inteira ser transformada em uma pilha de caixas de papelão. No novo endereço me vi desempacotando e ressignificando tudo que saia das caixas, que tinha que se adaptar a uma nova geometria, a outra configuração de espaço.

Na terceira mudança estávamos mais ágeis, mais desapegados. Aproveitamos a necessidade de encaixotar para celebrar um novo lugar, outras vistas da janela. Uma oportunidade para desfazer de coisas amontoadas e olhar para os baús que guardam fotografias e memórias das viagens e das casas que deixamos para trás. Foi nessa mudança que as pilhas de papelão se tornaram mais familiares, o que permitiu que em um olhar mais atento um desenho se revelasse.



A partir do momento em que reconheci o ícone do Guarda-chuva como um símbolo que acompanha quase todas as caixas de papelão, tão presentes em meus deslocamentos, fiquei encantada com as suas inúmeras possibilidades de grafismos, de formas e cores. Comecei a cortar e guardar esses Guarda-chuvas que fizeram parte da mudança seguinte e somei a eles muitos outros que encontrava nos amontoadas de papelão pelas ruas da cidade.

O papelão que ocupava a casa antiga como uma despedida e chegava na casa nova antes mesmo de nós passou a ser associado a um símbolo de afeto, de interioridade.

Esse gesto de observar, comparar, escolher e colecionar transformou também o meu olhar para o meu entorno, quando fui percebendo que a atenção necessária para exercício de coleta acontecia somente em caminhos percorridos a pé e sem pressa. Eram momentos de conhecer e experienciar a cidade em que vivo, me propor a caminhar pelas ruas com calma e com o olhar atento. Como quem acaba de chegar e ainda olha para o chão e para o céu.⁴

Passei a identificar diversos tipos de embalagem e associar a imagem de um guarda-chuva específico para cada mercadoria. Comecei a reparar na frequência com que o papelão se acumula pelas ruas e os pontos em que há maior incidência deste. Com o tempo as formas, sempre variadas, começaram a se repetir e a coleção passou a crescer lentamente.



⁴ Diversos movimentos do campo das artes visuais reivindicam a caminhada pela cidade como ação disparadora de proposições estéticas. Desde os surrealistas e dadaístas no início do século XX, até os situacionistas com a "Teoria da Deriva" de Guy Debord nos anos 50, o interesse pelo espaço urbano aponta para um olhar crítico sobre a arte em relação ao cotidiano e aos elementos constituintes da vida em metrópoles. A prática da Deriva pressupõe um olhar atento e curioso para a cidade, quando o véu da rotina é retirado e há abertura para uma relação lúdica e propulsiva com o espaço.



O conjunto de Guarda-chuvas se transformou em uma parte importante do “fazer-se casa”, “tornar-se casa”. A coleção me acompanhou em todas as mudanças que vieram pela frente. No apartamento 4 eles ganharam uma disposição mais próxima da instalação, pendurados com linhas sobre uma cortiça. Essa configuração se repetiu com adaptações no apartamento 5, em Porto Seguro e retornou para o apartamento 6 já como objeto de trabalho.

Propus para a última casa uma forma de exibi-los que pudesse facilitar a sua viagem, sendo facilmente montado e desmontado. Pendurados por ganchinhos em dois tecidos transparentes de seis metros de altura, deixei a coleção chover em uma exposição chamada “Deriva”, onde eles se movimentaram ao sabor do vento.

No ano seguinte a coleção de Guarda-chuvas se transformou em páginas de um maxi livro de coleções, sendo também exposta como grandes lâminas, uma embaixo da outra. Esse constante procurar, cortar, guardar e organizar símbolos de umidade me fez perceber que o elemento industrial que adentrou a minha casa e passou a constituir um campo visual íntimo é também do mundo. O papelão que se multiplica nas esquinas, incansavelmente produzido e empilhado passou a ser ostra com o potencial de pérola: uma forma ainda desconhecida da chuva.

para onde houver proteção da umidade, para onde o
deslocamento é mais uma condição de ser



SENSÍVEL À UMIDADE: INVENTÁRIO DE FORMAS

A publicação Sensível à Umidade surge do desejo de compartilhar a coleção de guarda-chuvas e organizar os elementos que a compõe, como um index ou um inventário de formas. Pela disposição das páginas no livro é possível folheá-lo rapidamente, como um flip-book. Assim, em questão de instantes, é possível alcançar a dimensão infinitamente variável desse símbolo industrial encontrado nas embalagens de papelão. O pictograma do guarda-chuva faz referência a algo que não pode molhar, que é sensível à umidade, um signo que o princípio remete à padronização. Nesse index de formas o que se vê é justamente o contrário, os guarda-chuvas se apresentam arredondados, retos, largos ou esticados, com a ponta do cabo virada para a direita ou para a esquerda, preenchidos ou apenas contornados, com a representação da chuva ou solitários... O livro apresenta 59 guarda-chuvas azuis copiados em preto e branco e retocados manualmente, mantendo as suas dimensões originais. O fato de todos esses símbolos serem originalmente azuis abre a possibilidade de estender a proposição dessa publicação para os grupos de guarda-chuvas pretos, vermelhos, cinzas, verdes, laranjas e rosas, criando pela cor uma forma de catalogar e compartilhar essa coleção.

Sensível à umidade



Sofia Junqueira

Sensível à umidade (Catálogo de chuvas). 2017. 14x21 cm. 59 páginas. Xerox em papel kraft.



FRÁGIL

CUIDADO FRÁGIL

CUIDADO FRÁGIL

CUIDADO FRÁGIL



Nada frágil. 2017. Performance. Fita adesiva, tesoura e escultura de técnica mista com proporções da artista.

NADA FRÁGIL

Um corpo escultórico em posição fetal está recoberto de fita adesiva marrom, com apenas pés, mãos e rosto à mostra. A cabeça também está envolta em fita transparente, o rosto se esconde entre os braços. Com as mesmas proporções, também recoberto de fita adesiva, outro corpo encosta-se ao primeiro, copia a sua posição, mimetiza suas formas. Uma situação de espelhamento acontece. As duas figuras se confundem. Uma dessas figuras começa a se movimentar lentamente, segura um rolo de fita em uma mão e uma tesourinha de cortar unha na outra. Corta um pedaço da fita escrito “cuidado” e cola em uma perna. Em seguida corta outro pedaço escrito “frágil” e cola no braço do seu duplo. Esse gesto de cortar e colar continua, cada vez mais acelerado, até que uma ponta da fita é fixada no braço do corpo escultórico. O segundo corpo, ainda capaz de se mover, conduz a fita, liberando um ruído plástico.

Corpo-objeto e corpo-performático vão sendo aos pouco empacotados, unindo-se e confundindo-se com os pedaços de fita adesiva que grudam em seus braços, que unem suas pernas. Com a continuidade do gesto de enrolar e colar, os movimentos do corpo performático são cada vez mais limitados, mas ele segue com aquela fragilidade sufocante. Não é mais possível discernir as formas que se escondem por baixo de tantas camadas de fita “cuidado frágil”. Corpo-objeto e corpo-humano estão unidos em um emaranhado plástico. A performance continua até o fim do rolo de fita adesiva, quando os corpos já não se movimentam mais, imobilizados, empacotados, plastificados, transformados de uma vez por todas em objetos, de tanto cuidado.

FRAGILIZAR

Anunciei que iria quebrar azulejos.

Antes mesmo de irem para a parede, antes de se tornarem casa.

Cada um deles feitos à mão, com a paciência das horas sem relógio,
com cuidado, Frágil.

Apenas anunciei e fiquei satisfeita com as faces incrédulas que me encararam,
chocadas com tal brutalidade.

Performance quase vandalismo.

A coragem falhou, me apeguei e adiei a quebra
sem saber que

garrafa

copo

cristal

pedra

espelho

silêncio

se romperiam à espera.



EM MIL PARTES

Tentei esmaltar azulejos enquanto dormia
mas os sonhos são pura umidade
Por mais que eu acrescentasse pó, a fórmula estava aguada demais
Insisti.

Depositei uma camada generosa dessa substância aquosa
sobre os azulejos queimados

Como vela de filtro de barro
aquela peça deveria absorver a água e deixar em sua superfície
só pó
Tudo vira pó
Não em sonhos, lembrei ao acordar

O biscoito começou a desmanchar
Como se fosse de maizena
mergulhado no chá
mais doce que o próprio biscoito
na Rua Ourissanga às 17:30
A cerâmica se desfez como barro.
O objetivo prévio era quebrar
escutar o estardalhaço
recolher cacos
Mas a água se adiantou
inundou a matéria, me deixou a pensar
se derreter
também é uma forma de partir.



Não cair aos pedaços. 2019. Vídeo-performance em colaboração com Luis Oliveira.

NÃO CAIR AOS PEDAÇOS, A GRAVIDADE CUIDA DO RESTO

O símbolo da fragilidade sai da fita adesiva que recobre embalagens de papel para se tornar parte integrante de um suporte extremamente frágil em sua materialidade: a cerâmica. Lidar com a quebra, com o caco, com trincado e com o lascado são aprendizados constantes no fazer da cerâmica. O azulejo, material cerâmico resistente à umidade e à ação do tempo, recobre banheiros, cozinhas e fachadas, dando a sensação de resistência e impermeabilidade. Transporto esse material do âmbito arquitetônico para uma abordagem individualizada, encarando cada um desses 15x15 como um elemento plástico. Escolho esmaltar azulejos industrializados em ponto de biscoito, em uma fusão entre processos industriais e artesanais. Utilizar a técnica de corda-seca confere precisão às letras e faz alusão aos avisos de “cuidado” das fitas adesivas, mas a mão não esconde as marcas de seu fazer, revelando a um olhar mais atento imperfeições e tortuosidades características de uma produção artística, feita com os rastros do gesto, do desenho.

Uma vez prontos, os azulejos não vão para um painel, para a parede do banheiro, da cozinha, para o muro ou para nenhuma fachada. O destino deles já estava decidido antes mesmo de saírem do forno. Cada um desses azulejos será quebrado, com cuidado. O gesto de intencionalmente deixar cair algo que foi feito com tanto cuidado, ao longo de tanto tempo, exige desprendimento e intenção. Distante de ser um ato de vandalismo, esse gesto de ruptura está mais próximo da revolta. Aqui o objetivo é destruir o cuidado excessivo que imobiliza os objetos, que prende as taças nas cristaleiras, que impede que os pratos mais bonitos sejam utilizados em uma manhã qualquer de quarta-feira ou em um jantar só para um. Romper o estigma da fragilidade que imobiliza, que sufoca, que paralisa justamente os objetos de nosso afeto. Lembro aqui que por mais que sejam supostamente impermeáveis e resistentes à presença da água, a cerâmica ainda sofre as ações da gravidade, os efeitos do tempo. Mesmo com cuidado as coisas caem, as pessoas racham, as relações se rompem, as louças quebram.

Por fim recolho os cacos e olho para cada um deles, observo as pontas cortantes, presto atenção para não me machucar. Penso na proposição da Yoko Ono em sua “Peça Remendo”⁵, ao usar fita adesiva transparente para reunir cacos de louça e fazer uma nova peça. Disponho os fragmentos em linha e lembro da chuva, da gravidade. Em um movimento de queda, envolvo os cacos com a fita no ar e prolongo o tempo da quebra. Congelo esse espatifar de cuidado e fragilidade e deixo a ideia da chuva conceder certa leveza a essa ação. Prolongo o instante da quebra para observar o que se rompe tão depressa, de forma tão abrupta, em estardalhaço, sem a opção de voltar atrás.

⁵ Obra que estava na exposição “O Céu ainda é azul, você sabe...”, que ficou em cartaz no Instituto Tomie Ohtake em 2017. Junto à mesa, com a obra, lia-se: “Esta proposta é para que as pessoas consertem e, por meio desse ato de consertar, também consertem o universo”.



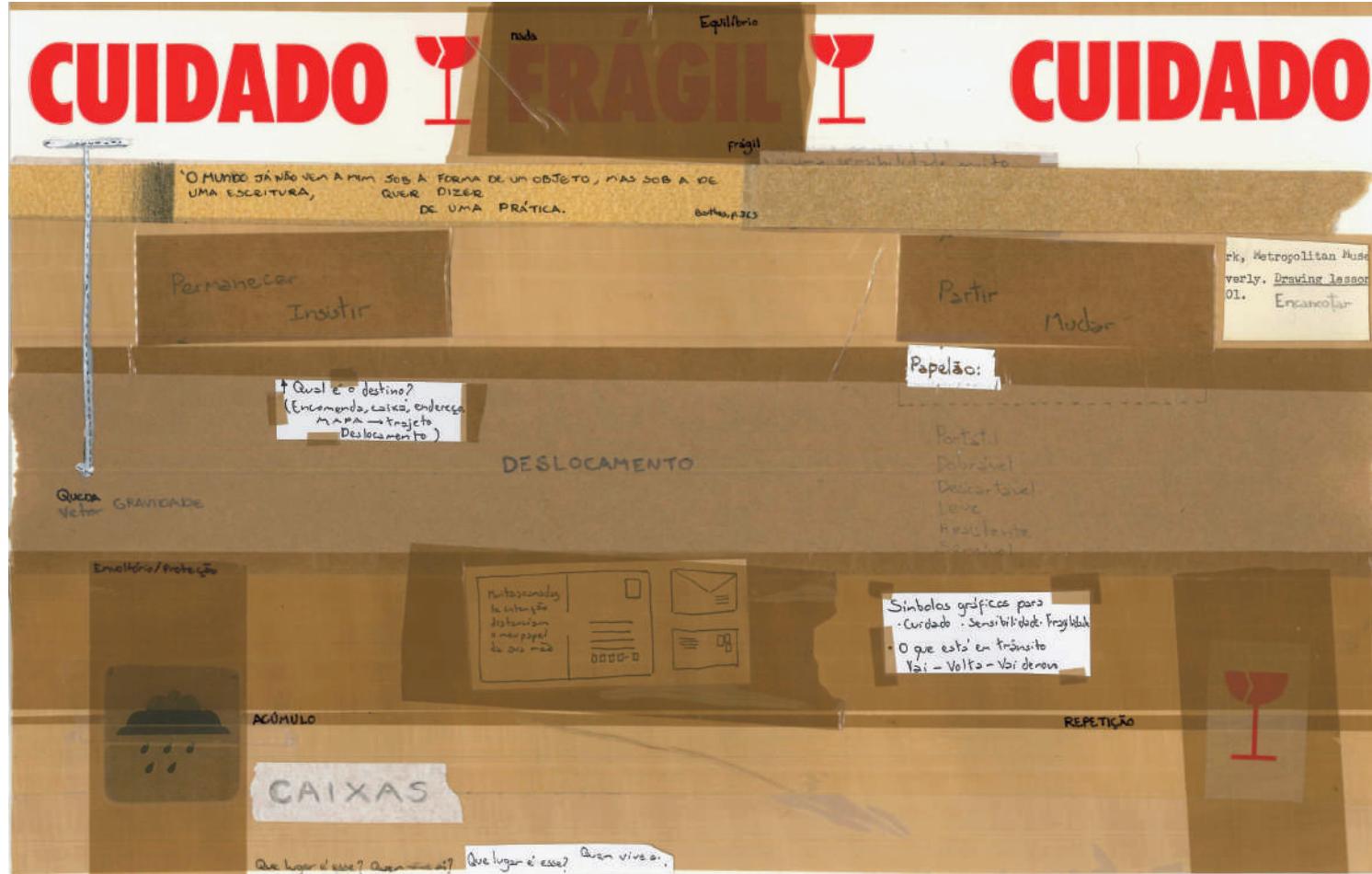
AMONTOAR

A lógica industrial de produção e reprodução de objetos invade a nossa percepção sobre a singularidade das imagens e nos desconecta do contexto em que os objetos são produzidos, somos conduzidos a um consumo incessante e esvaziado. Pouco sabemos sobre o feitio e sobre o trajeto percorrido pelos produtos, desde o lugar em que foram fabricados (“made in...”) até o interior de nossas casas.

O que é evidente é que o nosso mundo globalizado está encaixotado. Uma simples caneta vem dentro de uma caixinha de papel, que é embalada com outras caixinhas em uma caixa maior, de papelão. Essa caixa de papelão vem com outros pedidos do mesmo fabricante em outra caixa de papelão, ainda mais resistente. Tudo isso viaja pelas estradas e avenidas nas carrocerias de caminhões, que também são blocos retangulares. O carregamento dos caminhões chega pelo mar, depois de ter atravessado continentes em containers. Essas grandes caixas de metal são içadas e empilhadas em navios enferrujados, que insistem em flutuar. Não racham ou sequer se curvam com o peso de tantas toneladas de embalagens, de tantas camadas de caixas, de tanto papelão dentro de papelão.

Penso sobre a infinidade de ângulos retos que ditam a nossa vida, olho ao meu redor e me dou conta que também estou dentro de uma caixa. Apartamento, corredor, ônibus, escritório, auditório, ateliê. Se essas paredes também fossem de papelão, que tipo de produto seríamos nós?





EMPILHAR

Sobre o trânsito de caixas de papelão
entre o ateliê de cerâmica no subsolo
e o ateliê de desenho no terceiro andar
esse sobe e d

e
s
c
e

de Cidades Invisíveis

Uma é Otávia, nas alturas
suspensa entre duas margens do precipício
cidade-teia- de- aranha
desenho delgado
se equilibrando em fios

Linhas
Letras no vazio

Outra é Argia, abaixo do chão
no lugar de ar existe terra,
adoradora do fogo
de argila até o teto
Seus seres pretos de fuligem
estalam em água fria

Quem de Otávia olha pra baixo,
à procura de Argia, não vê nada
apenas seus próprios emaranhados
finas redes que a sustentam⁶

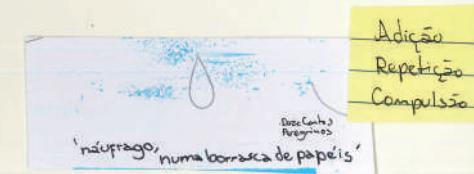
Quando as linhas do desenho estão prestes a se romper
antes de desabar no precipício
desço lentamente os três andares
afundo as mãos na terra
toco raízes e me pergunto
de que matéria
é feita a queda?

⁶ Calvino, Italo. As Cidades Invisíveis. 1^a Edição. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

"Sabe-se com certezas
apenas o seguinte:
um certo número de
objetos deslocar-se-
rá num certo espaço, ora
submerso por um grande
número de novos
objetos, ora consumindo
sempre repouso; a regra
é sempre misturá-los e
tentar recolocá-los no lugar."

RISCO DE DESMORONAMENTO

arte e deslocamento



1-18-310SP EMPILHAMENTO MÁXIMO 5 CAIXAS

→ Possibilidade de pensar
o indivíduo em relações
a outros semelhantes → Multidão

Acinizulo
Reorganização

As Cidades Invisíveis
calmo



→ Declinar

coleções de objetos de apeto,

LONGA DURAÇÃO



EMPILHAMENTOS

→ Torre de Babel
calmo

Repetição

Repetição que convida à aproximação,
compreensão, relativização do Objeto.

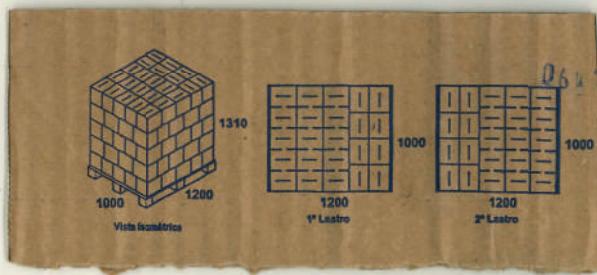
Peso
Textura
Som
Peso
Cheiro
Corpo

Caixas Brilla
Vibrar

Série → Coleção



CHUVA



De manhã para pilhar



MARCA D'ÁGUA, PARA VER GOTA A GOTA

Desde a descoberta dos guarda-chuvas nas caixas de papelão, esse material conquistou meu olhar, com sua diversidade de espessuras, tonalidades de marrom, estampas gráficas⁷... Comecei a selecionar algumas caixas que encontrava pela Escola de Belas Artes, na padaria da minha rua, no dia da reciclagem no meu prédio. Durante um ano guardei e transportei caixas, cada vez mais surpresa com o caráter infindável desse material, que parece brotar em todos os cantos da cidade.

Os cubos de papelão foram empilhados com intenção arquitetônica: a construção de um muro, uma torre, uma grande pilha. Empilhei caixas resistindo à tentação de cortar os símbolos de umidade presentes nelas, tentando me concentrar no aspecto modular desse material e nas suas características principais: leveza, resistência, volume e sensibilidade à água. A ideia de empilhamento de formas ortogonais lembra um jogo de tetris, onde cada espaço vazio possui um correspondente de medida exata para ocupá-lo. Por outro lado, o empilhamento também remete aos estoques de mercadorias, que constituem torres monumentais comumente encontradas no comércio, em depósitos onde as caixas recheadas se comportam como tijolos maciços.

A proposta da instalação “Marca d’água, para ver gota a gota” foi enfatizar a instabilidade de um empilhamento, ao mesmo tempo em que dava destaque à relação do papelão com a umidade, ao substituir o pictograma do guarda-chuva por uma gota feita de cerâmica. Assim como os guarda-chuvas da coleção, cada gota é única, singular em sua forma, cor e técnica. A grande pilha de caixas vazias revela o seu possível conteúdo cerâmico do lado de fora, expondo ao risco da queda um material que é facilmente quebrável e que carrega em si o símbolo da fragilidade do papelão, que estraga facilmente ao ser molhado.

O equilíbrio é momentâneo e o risco de desmoronamento é iminente.

⁷ Esse fascínio pelo universo gráfico presente na estamparia industrial me remete ao trabalho de Lótus Lobo, em sua longa investigação de gravuras em pedras litográficas que em algum momento também encontra o papelão como suporte para grafismos.

Marca D'água, para ver gota a gota. 2018. Instalação. Cerâmica esmaltada e caixas de papelão.



UMIDIFICAR

Algumas manhãs são submersas.
Antes mesmo de abrir os olhos, já sinto que a liquidez do sonho vazou.
Aproveitou uma fresta mal vedada e foi inundando o quarto, enquanto ainda dormia.
Ao deixar o sonho para ver o dia, já é tarde.
A poça ganhou corpo, ganhou coragem e volume.
Os móveis perderam os pés.
Os chinelos passeiam livremente, sem a necessidade de pernas que lhes ditem caminhos.
Na mesa de cabeceira, os livros se desprendem das pilhas.
Flutuam sem o peso de suas palavras.
Inúteis, entre páginas molhadas
Respiro fundo para ver por onde começo.
Saem bolhas pra variar
O único jeito é fechar os olhos
Mergulhar na matéria fluida do sonho
Sem a preocupação que,
no andar debaixo,
pelo lustre da cozinha,
uma goteira comece a pingar.⁸

⁸ Escrito sob influência da leitura de “A luz é como a água”, um dos Doze Contos Peregrinos de Gabriel García Márquez.

Nebulos
Por que
têm tanto?

Tempos
tade

Luminos

Cintilhão é Azul?

Substâncias em vez
de canivais inventados
sobre os postos
Gota a Gota
sem sentido
se pelo encanto
do brilho

Quando é verde
Quando é azul?

3 gotas
de dormir

Contas gotas
Só 2 gotas
200

Zoom out
Zoom in

Un Universo
Galaxia
interior
microbicos

Se é para never com sigo
tem que molhar

Hoje o que era chuva
virou lágrima

Chuva
Acqua

Suor



TRANSBORDAR

Quando abri a página para escrever sobre água
Um pingo brotou entre os dedos
tocou a palavra despida, procurando sua origem
nuvem invisível a olho
nu
fez das letras
quarela



PROTEGER DO IMPACTO

É um estágio de suspensão do espaço.
Momento em que a velocidade, ou a constância do movimento,
se sobrepõe à localização.
Corpo em trânsito, estado de viagem.
Esse incessante ir e vir de pessoas, coisas, caixas, carros
Lembro de visitar andares altos de prédios palitos, à noite.
Olhar para baixo, além de trazer vertigem,
me revelou correntezas.
Incansável fluir de luzes
Rios urbanos escondidos pelo asfalto
sobrepostos por ferozes faróis.
Alguns nadam de braçada nas corredeiras,
outros se concentram apenas em não afundar.

EXPIRAR

Pingueira vira linha.
se é tempestade
 linha contínua
se é chuvisco
 linha pontilhada
risca de umidade

a superfície da tarde.



LACRIMEJAR

Céu empedrado, tempo molhado.
Ossos doendo, chuva chegando.
Vai chover canivete.
Chover no molhado.
Se está na chuva é pra molhar.
A água faz desabar as paredes.
Água mole em pedra dura, tanto bate até que fura.
Não jogue fora o balde velho até saber se novo está furado.
O pote tanto vai à bica que um dia fica.
Água dá, água leva.
Quem semeia ventos, colhe tempestades.
Quem vê o céu na água, vê os peixes nas árvores.
Fazer tempestade em copo d'água.
Nunca diga “destas águas não beberei”
Quem quer matar a sede, não procura a fórmula da água.
Águas passadas não movem moinhos.
Água silenciosa é a mais perigosa.
Depois da tempestade vem a calmaria.
A água lava tudo.

Foi tudo por água abaixo.



SEM OLHAR PRA TRÁS

desenho ao controlar o fio da tesourar e, com cuidado para não pegar a ponta dos dedos, invento formas no papel.

desenho com uma ponta bem fina sobre a placa de argila úmida no tecido cru. Crio o contorno de gotas.

desenho sobre um azulejo queimado com um grafite espesso e delimito a distância entre esmaltes.

desenho quando recolho cacos e tento remontar as partes, intencionalmente deixando a linha afiada dos desencaixes.

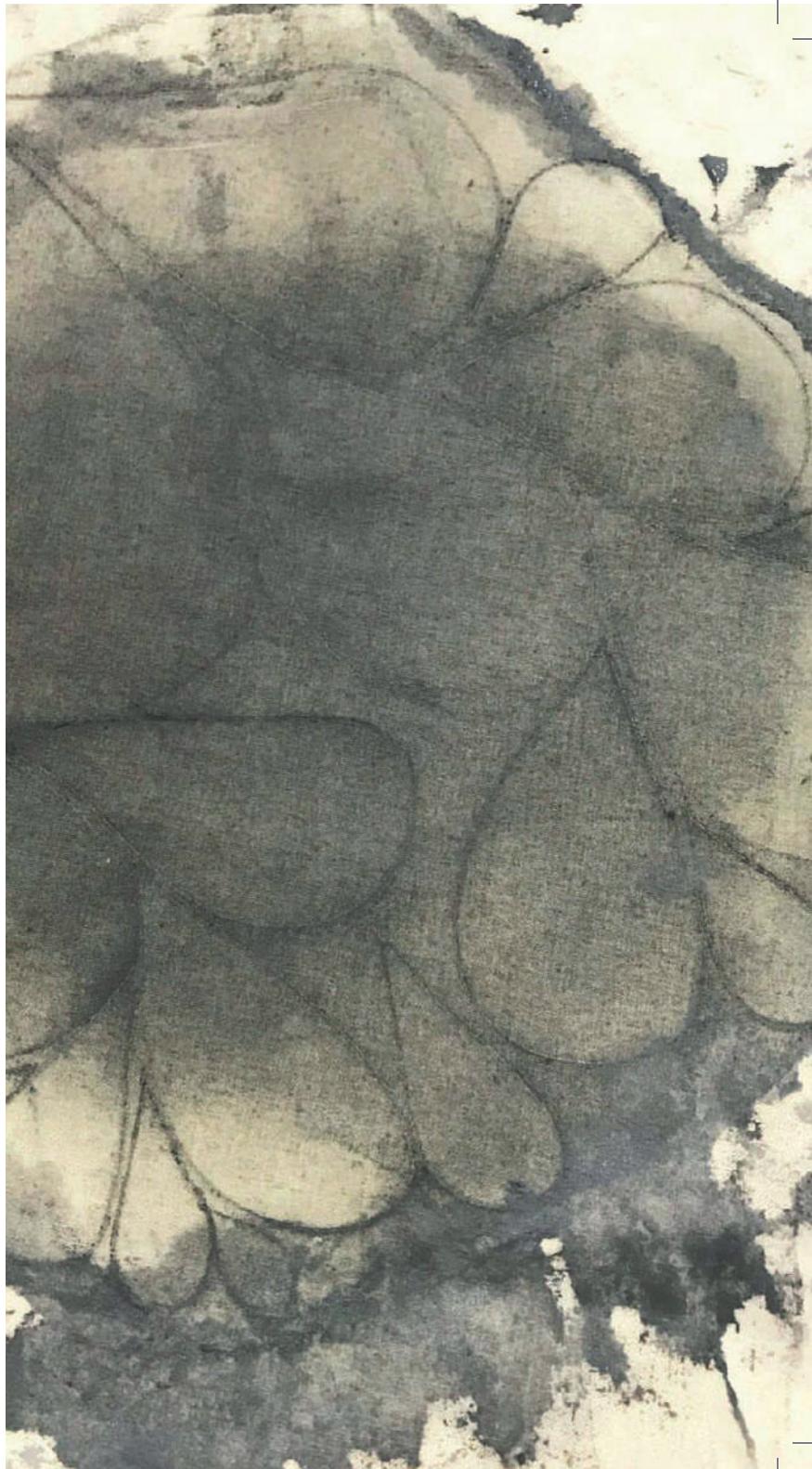
desenho ao dispor muitíssimos elementos numa página e, um a um, direcioná-los aos seus devidos lugares, atenta aos respiros retangulares que moram no entre.

desenho quando sobreponho caixas de papelão, pensando em um arranjo de arranha-céus ou nos nossos batimentos cardíacos.

desenho ao encerrar essa lista, porque a letra já não quer se estender no papel.

PARTIR

Cada uma dessas palavras em movimento
tremidas
atravessadas pelo trânsito
é feita de cidade.
Onde foi parar a pausa?
Dizem que há um tempo ela se escondeu
deixando para trás
agenda, calendário, relógio, alarme.
Aquele que continua em sua busca
no escuro revela: ainda a encontro.
Nas horas perdidas da madrugada
Nos dias de chuva, quando as buzinas cessam,
em aceitação: “está tudo parado”.



AZULEJOS DE PAPELÃO

Ao aproximar a cerâmica do papelão, comecei a pensar sobre o trânsito entre o que se encontra no interior das casas e que se desloca pelas ruas da cidade. A cerâmica a princípio é prato, xícara, azulejo de banheiro, azulejo da cozinha. Um material muito utilizado dentro das casas pela sua impermeabilidade, pela facilidade de limpar, pela durabilidade. Quando a cerâmica precisa mudar de lugar, todo cuidado é pouco; plástico bolha, papel pardo, fita adesiva, caixas de papelão. É um estado de risco, não pode cair, não pode quebrar, não pode molhar, até chegar no próximo lar.

A cerâmica quebrada é uma frustração que temos que encarar cotidianamente, tanto pratos na cozinha espatifados na pia quanto as gotas rachadas coladas na mobília dentro do forno do ateliê. Já o papelão molhado representa uma novidade, a possibilidade de deixar de ser resíduo industrial e se tornar papel artesanal. Voltei a coletar caixas, que dessa vez não eram empilhadas, eram picadas. Depois, os pedaços de papelão ficam mergulhados na água por um bom tempo, até começarem a desmanchar, até serem batidos, branqueados, batidos novamente, preparados, enformados e prensados.

O azulejo de papelão é marcado com a gota, como lembrança da sua principal recomendação: teme umidade. A cerâmica parece brotar do papelão, feito especialmente para recebê-la. Esses azulejos não servem para revestir qualquer banheiro ou cozinha, são permeáveis, são sensíveis.





CORPO CONTAINER À DERIVA

Chega um momento em que as arquiteturas de papelão precisam se deslocar para constituir pilhas e blocos em lugares mais distantes. O transporte mais fácil é com as caixas desmontadas, planificadas, quando o seu volume ainda está latente. Se a montagem da caixa foi feita com grampos ou com fitas, justifica-se o transporte do papelão com seu volume máximo. Por terra, elas se deslocam em Kombis, ocupando todos os bancos até o teto. Se o transporte for por água, o papelão tem que encarar a umidade e resistir à passagem de uma margem à outra.

A ausência de ventos característica do inverno deixou uma embarcação de papelão à deriva. Durante uma semana uma grande pilha de caixas flutuou no lago do Museu de História Natural e Jardim Botânico da UFMG. Apesar da aparente instabilidade da embarcação, não houve nenhum desmoronamento. A umidade deixou marcas na parte que estava em contato direto com a água, porém não afetou nenhuma das caixas de papelão. Apesar de muito molhado, o papelão não se dissolveu no lago, o que aliviou as suspeitas de qualquer dano ambiental. Visitantes e funcionários do museu afirmam terem visto um corpo em meio às caixas, que parecia não se mover, o cidadão não tentou fazer contato. Não há informações sobre a identidade dessa figura ou sobre o que ela estaria fazendo na embarcação. Tampouco se sabe sobre o conteúdo do que estava sendo transportado. O fato é que ao final de uma semana nenhuma daquelas embalagens conseguiu chegar ao seu destino. Foram encontradas apenas por aranhas, formigas e lagartas que já se acomodavam em uma nova casa.



Corpo contâiner. 2019. Instalação no Museu de Ciências Naturais e Jardim Botânico.

EMBALAR

Fiquei com a memória desbotada do que me aconteceu enquanto dormia.

Não sei se chegou a ser sonho ou só desejo. O inconsciente às vezes abre uma janela para as nossas vontades, deixando espiar certas ideias que ainda andam sem coragem.

Deixa ver só um pouquinho, sem direito à repetição. Parece aqueles testes de visão, com o olho bem apertado você tenta descobrir a letra miúda e desfocada que se esconde mais do que se revela no fundo da lente. Fica sem saber se a forma é truque da mente ou dos olhos.

Levar o conteúdo sonhado para a realidade é algo entre deduzir e imaginar. Talvez seja uma forma de invenção direcionada, seguindo pistas borradadas, ideias com cheiro de passado ainda não acontecido. Quase dejavu. A condição é que, se a imagem sobreviver ao despertar, ela deve ser turva.

Estava de longe só observando as minhas mãos que seguravam uma forma recém nascida. O gesto na altura do ventre, de tanto cuidado, embalava o pequeno ser.

A superfície, lisa e ligeiramente úmida entre os dedos, parecia puxar o calor do meu corpo, a oleosidade das mãos. Ela brilhava, exibindo sua resistência de couro, sua delicadeza de osso.

Essa grande gota de barro tinha jeito de cabaça, de cabeça. De tanto ser lambida, acabou se desmanchando. Absorveu umidade demais e murchou igual ovo de páscoa no supermercado. De longe sei que vi. Sentada na cadeira de balanço, embalava os fragmentos dessa peça prematura, que nem deixou de ser barro.

Jogo os pedaços de argila no fogo e deixo o sonho envelhecer. Enterro os cacos bem fundo, espero pela escavação. Espero a chegada de um arqueólogo decidido a reconstituir o que nunca foi inteiro.





REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CALVINO, Italo. As cidades invisíveis. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

Seis propostas para o próximo milênio; tradução de Ivo Barroso. 3ª Edição. São Paulo: Companhia das Letras, 1990

DEBORD, Guy. A Teoria da Deriva. Texto originalmente publicado no número 2 da revista Internacional Situacionista em dezembro de 1958.

FLÁVIA, Renata. Mar Grave. Belo Horizonte: Moinhos, 2018.

FOCILLON, Henri. A vida das formas. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1983.

GALEANO, Eduardo. O livro dos abraços; tradução de Eric Nepomuceno. 1ª Edição. Porto Alegre: L&PM, 2005.

GARCÍA MÁRQUEZ, Gabriel. Doze contos peregrinos. Rio de Janeiro: Record, 1993.

HIDALGO, Luciana. Arthur Bispo do Rosário: o senhor do labirinto, 2ª Edição. Rio de Janeiro: Rocco, 2011.

Intervalo, Respiro, Pequenos Deslocamentos: Ações Poéticas do Poro/ organização Brígida Campbell, Marcelo Terça-Nada!. São Paulo: Radical Livros, 2011.

KAFKA, Franz. A metamorfose. Tradução do alemão e posfácio de Modesto Carone. São Paulo: Editora Brasiliense, 1994.

LEMINSKY, Paulo. Distraídos venceremos. 1ª Edição. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

Lótus Lobo: depoimento [Coordenadores: Fernando Pedro da Silva, Marília Andrés Ribeiro]. Belo Horizonte: C/Arte, 2001.

MARTINS MARQUES, Ana. O livro das semelhanças. 1a ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

Como se fosse a casa:
uma correspondência/ Ana Martins Marques; Eduardo Jorge. Belo Horizonte: Relicário Edições, 2017.

MARTINS REDIN, Mayra. Histórias de Observatório. Rio de Janeiro: Confraria do Vento, 2013.

ONO, Yoko. Grapefruit: O livro de instruções + desenhos de Yoko Ono; Tradução de Giovanna Martins. Nova Iorque: Simon & Schuster, 2000.

PAQUET, Marcel. Magritte: o pensamento tornado visível; Tradução de Lucília Filipe. Germany: Benedict Taschen Verlag GmbH, 2000.

PIC, Muriel. As desordens da biblioteca: fotomontagens; A biblioteca obscura de W. H. F. Talbot/ Muriel Pic; Tradução Eduardo Jorge de Oliveira. Belo Horizonte: Relicário, 2015.

RANCIÈRE, Jaques. A partilha do sensível: estética e política; tradução de Mônica Costa Netto. 2ª Edição. São Paulo: Editora 34, 2009

SANT' Anna, Affonso Romano de. Sísifo desce a montanha. Rio de Janeiro: Rocco, 2011.

WOOLF, Virginia. O sol e o peixe: prosas poéticas. 1ª Edição, 2ª Reimpressão. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.

KRAUSS, Rosalind. Os caminhos da escultura moderna. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

